

1 AS NOVAS DINÂMICAS DO SIMBOLO NAS PRÁTICAS DAS ESPIRITUALIDADES

Vivemos um momento de transição radical com profundas e irreversíveis mutações, que cada vez mais exigem posicionamentos diferenciados em todos os setores da vida humana. É indiscutível, por exemplo, não só o retorno da religião e sua instrumentalização política no cenário internacional, como também a expansão de práticas espiritualistas ligadas ou não às religiões. Sob essa ótica o presente dossiê, intitulado *As novas espiritualidades Urbanas*, parte de indagações intrigantes sobre as novas práticas simbólicas nas espiritualidades em curso no mundo atual, cada uma delas atravessada por uma busca de identidade do tipo espiritual.

Embora o dossiê tenha sido produzido por uma única instituição, a **Universidade Lusófona de Ciência e Tecnologia (Lisboa, Portugal)**, a equipe editorial da *Relicário* decidiu publicá-lo, por considerar sua temática e abordagem enriquecedoras para a área a que se dedica esse periódico científico¹.

A *Revista Relicário* (ISSN 2358-8276) é uma publicação semestral do Museu de Arte Sacra de Uberlândia aberta à perspectiva interdisciplinar e à pluralidade de ideias. Seu objetivo é contribuir para o avanço e divulgação de pesquisas com foco na área de **Ciências da Religião e Teologia** e assuntos inter-relacionados à **Museologia, Arte Sacra, Filosofia da Religião, entre outras**. A revista procura atingir as metas de cada vez mais se alinhar aos critérios de publicação científica da CAPES. Desde seu início conta com um Conselho Editorial e Consultivo de várias regiões do país, bem como de outros países, cumprindo a exigência de diversidade e não endogenia, o que se nota também nos dossiês que publica a cada número. Essa publicação que ora colocamos no ar é o único número que, embora não cumpra a exigência acima mencionada, contempla todas as outras exigências de pesquisa científica, razão por que decidimos publicá-lo.

Sobre a temática do dossiê, observa Paulo Mendes Pinto, um dos autores:

¹ Ver Editorial 2 desta edição

Num tempo em que se verificam imensas e profundas alterações no campo da prática e da identidade religiosa, urge também olhar para a matéria mais profunda da criação de significados: os símbolos, as narrativas e os ritos. O desafio lançado nesse dossiê aos autores foi o de pensar nas possibilidades do símbolo nos dias de hoje, especialmente onde as comunidades e os grupos mais vivamente encetam dinâmicas espirituais. Em seus artigos os autores contemplam o símbolo como matéria de criatividade espiritual, hermenêutica e existencial, reconfigurando o próprio ambiente urbano.

Originalmente o dossiê foi concebido no formato de livro e dividido em quatro partes: a primeira é composta por quatro artigos e intitula-se “Heranças e Matéria Prima”; a segunda, intitulada “Tecnologia e Comunicação”, por três; a terceira, “Regresso do corpo”, por quatro; e a quarta, “Pandemia: desafios da quebra de comunicação”, por um artigo. Esse conjunto de temas é tratado, portanto, em 12 artigos.

O primeiro artigo, *Da Natureza e das funções do símbolo* e também o primeiro da Parte 1, intitulada “Heranças e Matéria Prima”, de Paulo Mendes Pinto, mostra o núcleo vivencial do rito e os seus pressupostos: as condições de possibilidade e as virtualidades que encerra. Aqui o rito é visto não como um “congelar” canonizado, mas como fermento de uma experiência transformadora, base de uma crença, que se espera vital.

A origem dos rituais iniciáticos como reformulação existencial da visão do homem, título do segundo artigo e segundo da Parte 1, de Paulo Mendes Pinto, contextualiza as grandes narrativas como palco de uma visão pouco promissora para o Homem. A humanidade foi muitas vezes desconsiderada e posta ao serviço, sem que se pudesse evocar outro destino, pelo menos até a passagem do II para o I milénio A.E.C. Depois desse foco de experiência existencial, os rituais iniciáticos, que compunham a trama literária, permitiram uma reformulação da categoria que o homem assumiu.

Já no terceiro artigo e terceiro da Parte 1, intitulado *Gesto e Memória: alguém ou além suporte?*, Daniel Mineiro e Paulo Mendes Pinto problematizam os pressupostos da tradição de uma metafísica e uma dogmática, com ritos próprios, perguntando se eles podem dar conta da compreensão da Era Digital e dos grafites. Segundo eles os diagnósticos dos filósofos da Pós-Modernidade falam da perda da comunhão, apontando para um automatismo e para uma revitalização do Eu pela força de uma notificação. Os autores sustentam a hipótese de que a memória está na base de um gesto performativo, próprio do digital, amainando o cumprir através de uma tradição, que tem matizes próprias.

Shitsuki: Do gesto perfeito à espiritualidade, quarto artigo e quarto da Parte 1, Daniel Mineiro explicita como no Oriente a espiritualidade não assume uma matriz

reflexiva. De acordo com o autor, a filiação loco-cêntrica mostra que é a natureza a ditar o modo de habitar o mundo. Por meio de uma mobilidade ajustada ao que o *tatami* permite, bem como de uma disciplina rítmica e da configuração dos movimentos a partir das indicações que a Natureza permite, é possível determinar uma geometria moral e espiritual.

Em *Um Pentecostes tecnológico: Acerca de uma espiritualidade*, quinto artigo do conjunto e primeiro da Parte 2, intitulada “Tecnologia e Comunicação”, Daniel Mineiro fala da curiosidade e da urgência que habitam os nossos dias. Parece incontável a resposta a uma mensagem, que chega a meio da noite. A razão deste apelo é simples: foi criada a ideia de identidade, com base numa performance comunicacional. Toda e qualquer forma de singrar e de existir passa pelo jogo comunicacional imposto pelos aparelhos digitais, portanto, é inevitável que a “salvação” se apresente em termos tecnológicos, com contornos evangélicos, isto é, como um Pentecostes tecnológico.

Daniel Mineiro e Paulo Mendes Pinto são os autores do próximo artigo, *A arte urbana ou compulsão afetiva?*, sexto do conjunto e segundo da Parte 2. Tomando como fato a existência por toda parte de registros nos muros, nos quais constata a presença de expressões identitárias e de Grupo, perguntam: a que se deve essa “necessidade”? Mera expressão? Conexão pós-comunitária? Tribalismo? Nesse contexto, levantam a hipótese de que existe uma compulsão, pouco meditada, para o registro, que se configura com uma determinação da identidade de tipo espiritual.

José Brissos-Lino, autor do sétimo artigo do conjunto e terceiro da Parte 2, intitulado *Violência urbana na religião, no futebol e na cultura*, coloca em questão o problema da violência: por que sentirão os crentes a obrigação de “defender a honra” do seu deus perante os que têm fé diferente, de forma violenta? Será esse deus assim tão fraco e impotente que não consegue sequer defender-se a si mesmo, ou os fiéis interiorizaram o conceito duma divindade mesquinha e vulnerável? Nesse ótica a ideia de associar o desporto a uma atividade lúdica, como no mundo antigo, parece estar há muito lançada por terra, pelo menos no futebol profissional. Da mesma forma, a liberdade do saber e do saber com prazer está cada vez mais ameaçada. Assim, a espiritualidade urbana manifesta-se por vezes através de expedientes violentos no campo religioso, desportivo e cultural.

Apoiando-se na concepção de Byung-Chul Han, segundo a qual à sociedade atual falta erotismo, Daniel mineiro apresenta *Erotismo e Identidade*, oitavo artigo do conjunto e primeiro da Parte 3, intitulada “Retorno do Corpo”. Segundo ele estamos todos envolvidos numa estética que não nos deixa ver esta necessidade. Por meio de uma atenção fenomenológica hermenêutica, é preciso mudar o estatuto da realidade, o modo como percebemos a realidade e apontar as consequências antropológicas desta mudança, que é erótica. Só assim o simbolismo erótico ganha sentido e pode ser utilizado na nova forma de espiritualidade, que é o ato de tatuar a pele.

Já no nono artigo, *A sacralidade da simbólica e os novos modelos do sagrado: a cultura urbana atual das tatuagens*, segundo da Parte 3, Daniel Mineiro e Paulo Mendes Pinto apresentam, no horizonte católico, a simbólica na perspectiva dos discursos apofáticos. Toda a comunicação decorre das “provas”, mesmo que negativas, de uma figura de tipo divino. Nas espiritualidades e religiões ancestrais, é possível falar de uma vivência de uma experiência do sagrado, que é mais libertadora. Otto, Eliade, Durkheim, Hulin falaram da fruição, mas na cultura urbana atual, a cultura das tatuagens permite reconfigurar o horizonte do conceito de sagrado. Mimetizando outras culturas, os conceitos de corpo, de vivência, de poder, de desejo, de simbólica, de imaginário coletivo e de transformação do sujeito apresentam uma fenomenologia da identidade, uma recuperação do poder da simbólica e uma responsabilização do sujeito pela sua identidade, que nada tem que ver com a crença.

Na sequência, temos o décimo artigo, *Sacralidade grupal e pele: a espiritualidade presente na ética limite*, terceiro da Parte 3, no qual Daniel Mineiro e Paulo Mendes Pinto mostram como as situações limite impõem um reforço da categoria da identidade. David Le Breton ressaltou as iniciações tribais que podem iniciar o homem na descoberta de si, mas o registro é aplicável ao ato de tatuar. Por meio de uma descoberta do corpo, através de uma responsabilização e comprometimento consigo mesmo e por meio da transformação, existe o contacto direto com a dimensão pessoal, que é sagrada.

No décimo primeiro artigo e quarto da Parte 3, intitulado *Tatuar o tabu, ou incarnar uma vestimenta: da necessidade do corpo para uma vivência do símbolo e do rito*, Daniel Mineiro e Paulo Mendes Pinto ressaltam que na tradição ocidental existe uma estrutura religiosa muito específica e desenraizada do corpo. A par dela, surgiu uma antropologia e sociologias do corpo, que imprimiam etiquetas, normas e modos de encarar o corpo e a identidade. Face a esta tormenta, os atuais modos de enquadrar o

corpo apontam para uma fenomenologia da dor, como forma de libertação do sujeito e consecutiva realização espiritual e identitária. É a partir de uma apropriação de si, por meio de uma percepção fina do corpo, que nasce uma nova forma de “vestir” o corpo com uma imagética, a qual nada deixa a dever à nova Era Digital.

No décimo segundo artigo, *A covid rouba humanidade e condiciona a espiritualidade*, último desse dossiê, primeiro e único da Parte 4, intitulada “Pandemia: Desafios da quebra de comunicação”, José Brissos-Lino analisa como a pandemia tem afetado a sociedade de forma transversal, de diversas maneiras e em todos os sentidos. Mas ressalta o fato de que são as crianças e adolescentes, os doentes e os idosos quem pagam a maior fatura. Para ele a pandemia afetou as populações tanto na vertente individual como na coletiva. Isso inclui o fenômeno religioso e a espiritualidade urbana, embora ainda não saibamos a exata medida em que os influencia e como.

Por fim, deixamos aqui nossos agradecimentos aos autores da Universidade Lusófona que gentilmente nos ofereceram um dossiê com artigos-ensaios que abrem para o debate temas de grande interesse para a compreensão da espiritualidade no mundo atual, como se pode observar nos 12 artigos acima elencados.

Boa leitura a todos!

Vani Terezinha de Rezende
Editora responsável